



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ELIMARIA LIMA MARTINS

**O USO DO CORDEL COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA AS
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Itaituba – PA
2020

ELIMARIA LIMA MARTINS

**O USO DO CORDEL COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA AS
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Danielle Lobato
Paes.

Itaituba – PA

2020

ELIMARIA LIMA MARTIS

**O USO DO CORDEL COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA AS
AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Esp. Maria Danielle Lobato
Paes.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes, Especialista.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Especialista.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Verônica Gomes Moreno, Especialista.

Resultado: _____ Média: _____

Data: _____

MARTINS, Elimaria Lima.

O uso do Cordel como ferramenta didático-pedagógica para as aulas de Língua Portuguesa / Elimaria Lima Martins – Itaituba: FAI, 2020.

41 f.; il.

Orientadora: Maria Danielle Lobato Paes

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) = Faculdade de Itaituba-FAI, 2018.

1. Cordel. 2. Sala de aula. Paes, Maria Danielle Lobato. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR – PA, 2018.

Dedico este trabalho em especial a Deus que sempre está presente em minha vida, aos meus filhos Maria Eduarda e Liedson Wendel.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me concedido a vida.

A os meus pais Pedro Martins e Maria Graças por todo o esforço e apoio oferecido para que eu conseguisse chegar até aqui. Agradeço ao meu esposo Dielson Dias pela paciência e apoio que me deram nesta reta final do curso. Aos meus irmãos pelo carinho e amor motivador a viver cada dia.

A Minha orientadora Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes, pela paciência constante nas orientações. Aos professores do Curso Mara Aparecida, Railane Esmeralda, Raimunda Bentes e Walbea Lobato que contribuíram de forma significativa no meu amadurecimento intelectual.

Aos meus colegas de cursos que me encorajaram a ir em busca dos meus sonhos, ajudando-me nos momentos de melancolia e compartilhando os momentos de alegria.

O CORDEL

*Vem de um tempo cruel, medieval,
pelas ruas e feiras foi cantado, pelos
centros mais cultos foi tratado, como
literatura marginal. O seu nome nasceu em
Portugal. Onde o mesmo era exposto num
cordão, no Brasil, numa nova geração,
juntamente aos poetas da viola, o cordel
hoje entra na escola. É cultura, é lazer e
educação.*

"Alfrânio Gomes de Brito"

RESUMO

O Cordel já fez parte das nossas tradições, antes da chegada das mídias que nos trouxe um mundo de inovações de novidades, que nos atrai e faz com que deixemos de lado nossas próprias origens culturais. O presente estudo tem como objetivo propor metodologias de ensino para o uso do cordel na sala de aula. Como resultado foi possível compreender as possibilidades de usar o cordel como uma ferramenta didático-pedagógica para as aulas de Língua Portuguesa e observou-se que a escola e os professores devem ampliar as experiências de trabalho com a Literatura de Cordel e proporcionar aos alunos entrarem em contato com essa literatura. Nesse sentido, trabalhar com a Literatura de Cordel na sala de aula com incentivo à leitura, em um mundo cercado de tecnologias, fazer uso de textos considerando “extintos” se torna um grande desafio para os professores, e ao mesmo tempo permite que o mesmo trabalhe na sala de aula no desenvolvimento das competências leitoras, escritas da própria valorização cultural do cordel com os alunos.

Palavras-chave: Cordel. Proposta. Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The Cordel was already part of our traditions, before the arrival of the media that brought us a world of innovations of novelties, that attracts us and causes us to leave aside our own cultural origins. The present study aims to propose teaching methodologies for the use of cordel in the classroom. As a result, it was possible to understand the possibilities of using cordel as a didactic-pedagogical tool for the Portuguese language classes and it was observed that the school and the teachers should extend the work experiences with the Cordel Literature and to allow the students to enter into with this literature. In this sense, working with Cordel Literature in the classroom with an incentive to read, in a world surrounded by technologies, making use of texts considered "extinct" becomes a great challenge for teachers, and at the same time allows the same work in the classroom in the development of reading skills, written of the cultural value of the cordel itself with the students.

Keywords: Cordel. Proposal. Portuguese language.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICO-HISTÓRICA DA LITERATURA DE CORDEL.....	10
2.2 LITERATURA DE CORDEL TRADIÇÃO ORAL E ESCRITA	14
2.3 O GÊNERO LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA	21
3 METODOLOGIA	30
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	30
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	31
3.3 COLETA DE DADOS	32
4 RESULTADO E DISCUSSÃO	33
PROPOSTA 1	33
PROPOSTA 2.....	33
PROPOSTA 3.....	34
PROPOSTA 4.....	36
5 CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Considerando que a Literatura de Cordel já fez parte das nossas tradições, antes da chegada das mídias que nos trouxe um mundo de inovações e novidades, que nos atrai e faz com que deixemos de lado nossas próprias origens culturais. Dessa forma, ela dá ênfase tanto à riqueza, quanto à expressividade da nossa cultura. Portanto, é uma maneira de despertar o senso crítico, econômico, político e histórico dessa manifestação popular.

Pensando assim, levar a Literatura de Cordel até à escola significa motivar o aluno a conhecer mais da formação cultural de nosso povo, pois o Cordel em sua temática não narra apenas ficção, mas também fatos acontecidos que retratam o cotidiano e a realidade vivida por esses cordelistas. Partindo dessa preocupação e reflexão expostas, as questões que orientaram esse estudo são: Qual o espaço da Literatura de Cordel na sala de aula? Através do seu uso na sala de aula possibilita ao professor/aluno a uma leitura prazerosa? A Literatura de cordel pode ser instrumento capaz de estimular o hábito de leitura?

O presente estudo está relacionado a uma pesquisa, cujo principal objetivo é propor metodologias de ensino para o uso do cordel na sala de aula, utilizando-o de maneira prazerosa e dinâmica. A escolha do tema, se deu através de uma inquietação em torna a presença da Literatura de Cordel mais presente no contexto da sala de aula e por considerar que o cordel é um excelente gênero textual, visto que é dinâmico e com certeza irá promover encantamento e envolvimento dos alunos. As questões que nortearão o estudo foi: Qual o espaço do cordel na sala de aula? Como utilizar o cordel como recurso didático?

Os dados foram atribuídos por meio de uma pesquisa bibliográfica, tendo como referência teórica os autores, Abreu (1999, 2004 e 2005); Ayla (2003); Galvão (2001); Diégues Jr (1977); Luyten (1990); Melo (1992); Meyer (1980); Pinheiro e Martins (2012); Souza (1976).

A referida pesquisa se estrutura em introdução, apresentando justificativa e objetivos da pesquisa, em seguida, fundamentação teórica, trazendo a contextualização teórica-histórica da Literatura de cordel, assim como a sua tradição oral e escrita e o espaço desse gênero na sala de aula, na sequência, a metodologia utilizada para a concretização desse trabalho, seguida das referidas propostas, finalizando-se com a conclusão do estudo e com as referências teóricas utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICO-HISTÓRICA DA LITERATURA DE CORDEL

A literatura de Cordel também conhecida no Brasil como folheto é um gênero literário popular escrito frequentemente na forma rimada, originada em relatos orais e depois impresso em folhetos. O folheto é o principal suporte de circulação, sempre com número de páginas múltiplos de quatro e em pequeno formato. Circula por várias cidades do Nordeste por meio de vendedores ambulantes, nas feiras e nas ruas do comércio. É possível encontrar coletâneas de cordéis em livros e em sítios especializados.

Segundo Diégues Júnior (1997) postula que a literatura de cordel teve origem da oralidade, mais precisamente da cantoria, entende-se que se faz necessário a realização de uma explanação sobre o gênero cantoria abordando o processo que cerca o universo que abrange dos cantadores ao folheto impresso.

A cantoria teve origem na Europa, na Idade Média, com os trovadores, andarilhos que cantavam para o povo e para os senhores feudais. No Brasil essa poesia lírica, originária da trova medieval, incorpora principalmente um sentido místico e religioso. Segundo Abreu (1999, p.73), “[...] tem grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios”. A literatura portuguesa migra para os trópicos e aqui encontra assimilação e adaptação.

A autora registra o aparecimento dessa literatura de cordel impressa no Nordeste no final do século XIX, quando as cantorias se consolidam no mundo das letras. Importa assinalar que para essa pesquisadora o encontro dessas duas culturas é marcado pela aproximação e pela diferença. Souza se reporta à obra de Abreu, fazendo o seguinte registro:

A grande contribuição lusitana para a literatura de folhetos nordestina é a forma fixa de rimas sendo quadras setes silábicas com rimas em ABCB, que é própria de Portugal, porém a forma que permaneceu foram as sextilhas, sendo que no Nordeste o cantador dispõe de apenas uma estrofe para se defender das provocações do oponente (SOUZA, 1976, p. 10)

No que diz respeito à questão dos temas, Abreu ressalta os mecanismos de adaptação por parte dos cantadores e dos cordelistas. Diferente dos cordéis portugueses, que em geral falam sobre os nobres, os folhetos nordestinos em sua maioria tratam do cotidiano deste povo humilde e sofrido, demonstrando sua

indignação à sua condição subumana de vivência, mas também os folhetos ressaltam o riso, a inversão bem-humorada das figuras sisudas e representativas.

Os cordéis são textos que geralmente são escritos por poetas populares seguindo a estrutura de produção de forma regular. Segundo Meyer, (1980, p. 06), há poetas que, habitando as áreas rurais, dividem seu tempo entre as atividades agrícolas e a poesia; analfabetos ou semialfabetizados, autodidatas, que geralmente ditam suas obras.

Esta literatura é conhecida pelos leitores, ouvintes e vendedores, como “folheto”, “livro de feira”, “romance”, “livro de poesias matutas”, entre outras denominações. E passou a ser chamada de literatura de cordel a partir de estudos acadêmicos brasileiros, que renomearam e difundiram essa arte por todo o país. Esta denominação de literatura de cordel foi atribuída aos nossos folhetos a partir de um tipo de literatura semelhante encontrada em Portugal. Para Diégues Júnior (1977, p.01):

O nome de literatura de cordel vem de Portugal, e, como todos sabem, pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos. Ainda segundo o autor, este tipo de poesia está relacionado ao romanceiro popular, a ele ligando-se, pois apresenta-se como romances em poesia, pelo tipo de narração que descreve. A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas.

Em geral, a literatura de cordel originou-se a partir da tradição milenar de contar histórias. Narrativas que a memória popular conservou e transmitiu, e que aos poucos foram escritas e com a chegada da imprensa difundiram-se e a partir daí estenderam-se a número maior de leitores, algumas escritas em prosa, a maioria escrita em versos, pois era mais fácil para o público analfabeto decorar os versos lidos por alguém. Para Mohr desejo de ouvir/contar histórias faz parte da condição humana:

A necessidade de ler “histórias” e narrativas que se poderiam chamar de paradigmáticas, pois elas se desenrolam de acordo com um modelo tradicional. Seja qual for a gravidade da atual crise do romance, a necessidade de se introduzir em um universos “desconhecidos” e de acompanhar as peripécias de uma “história” parece ser consubstancial à condição humana e, por conseguinte, irredutível. É uma exigência difícil de definir, sendo ao mesmo tempo o desejo de comunicar com os “outros”, os “desconhecidos”, de compartilhar de seus dramas e de suas esperanças, e a necessidade de saber o que pode ter acontecido. É difícil conceber um ser humano que não se sinta fascinado pela “recitação” (MOHR, 2006, p. 11).

Geralmente esses leitores eram também vendedores, que liam os versos para despertar a curiosidade dos clientes e nos momentos mais interessantes da narrativa paravam e começavam a vendagem das obras. Esses vendedores costumavam ser também autores. Meyer (1980) descreve esta trajetória

Em todo o mundo, desde tempos imemoriais; a grande tradição da literatura escrita culta correspondeu sempre, em todas as culturas, a pequena tradição oral de contar. Às vezes, porém, o contador pegava lápis papel e se punha a escrever - ou a de ditar - o que já estava havia tempo em sua memória ou o que de novo inventava, ampliando um pouco o seu público. Quando surgiram as máquinas impressoras, a divulgação dessas obras de pequena tradição literária estendeu-se a um número maior de leitores: algumas eram escritas em prosa; a maioria, porém, aparecia em versos, pois era mais fácil, a um público analfabeto, decorar versos e mais versos, lidos por alguém. Esta foi a trajetória daquilo que se chamou, na França, literatura de colportage (mascate); na Inglaterra chapbook ou balada; na Espanha, pliego suelto; em Portugal, literatura de cordel ou folhas volantes (MEYER, 1980, p.3).

Houve manifestações literárias semelhantes em outros países latino-americanos, e não só no Brasil. Cada uma com diferenciações, pois a ideia original vinda da península ibérica adaptou-se as marcas que surgiram nos próprios países. Assim descreve Diégues Júnior (1977) o corrido, tal como encontra-se no México, ou na Argentina, ou na Nicarágua, ou no Peru, é a apresentação, em versos, não só de histórias tradicionais, oriundas do romanceiro peninsular, como também de fatos circunstanciais.

Há uma distinção entre os poetas populares nordestinos, há aqueles que se dedicam à cantoria - são denominados cantadores e aqueles que escrevem histórias em poesia. Cantadores ou repentistas são os poetas que em suas "andanças" pelos sertões, cantam versos de sua autoria, ou às vezes versos de outros autores. Os melhores não temem o desafio, ou peleja intelectual em que, perante auditório numeroso, são postos em evidência os dotes de improvisação de dois ou mais artistas, sendo que durante as apresentações é comum mudar os temas várias vezes na tentativa de encontrar o ponto fraco do adversário e assim vencer a disputa.

Não há entre os estudiosos um consenso sobre às origens desse gênero no país e tampouco sobre seu desenvolvimento no Nordeste, região em que consegue status de cultura popular. Segundo Galvão (2001, p. 28) "no caso específico de manifestações populares tradicionais e de um país com inúmeras influências étnicas e culturais como o Brasil, essa questão torna-se ainda mais aguda". A cultura pode ser classificada como um conjunto de símbolos, crenças, valores, costumes, práticas

e saberes sociais que são construídos socialmente por meio de um processo dinâmico que varia conforme o tempo e o espaço.

Portanto, pode-se considerar que a literatura de cordel é inerente à nossa cultura. Ela agrupa artisticamente tais elementos evidenciados pelo autor supracitado. Para Melo (1992), a literatura de cordel é o nosso Romanceiro Popular Nordestino que, originário do cancionero ibérico, possui características peculiares, totalmente diferente dos romances tradicionais que foram trazidos pelos colonizadores.

Galvão (2001) discorre que os folhetos tratam de temas variados, sendo comum encontrar uma relação temática entre a época em que surgem os temas. De um lado, figuras humanas, como heróis e anti-heróis, de outro lado aspectos sociais: religiosidade, misticismo, casos de amor, aventuras, sendo muito comum encontrar a presença de Cristo, dos santos, dos beatos, como é o caso de Padre Cícero e Frei Damião. Relatos de acontecimentos cotidianos e políticos mais amplos.

Há uma necessidade de fixar acontecimentos, de registrar, de anotar a maneira como os fatos aconteceram e que sem os meios de comunicação, as gerações passadas tiveram a necessidade de gravar e transmitir, através da história popular, é possível observar estas características, sobretudo nos romances de fundo histórico, que narram lutas, guerras, fatos reais.

Segundo Abreu (2004) argumenta que os autores da atualidade preservaram esta característica do gênero, por isso é possível encontrar em suas narrativas temas pertencentes à nossa história recente, corrupção, fazem comparações sobre o comportamento e as vestimentas da mulher cotidiana e a mulher de antigamente (sátira de costume, geralmente declara uma intenção moralizadora), sendo possível encontrar também folhetos de cunho biográficos de poetas e pensadores tais como Ariano Suassuna, Ascenso Ferreira, Gilberto Freire, Fernando Pessoa, entre outros.

Os cordéis por suas temáticas e características estruturais foram e continuam sendo um meio de comunicação de massa, pois constituem o retrato de um Brasil eminentemente popular, é uma arma poderosa de circulação de mensagens, culturas, linguagens e saberes. Em termos temáticos, Meyer (1980) leva em consideração a divisão feita pelos próprios produtores e consumidores, tendo como base a realidade material e classifica a produção de folhetos em dois grupos: os romances e os folhetos.

A autora supracitada discorre que no primeiro grupo estariam aqueles baseados nos contos da carochinha ou de Troncoso, que falam de fadas, monstros,

príncipes, reinos encantados e dragões, assim como os romances inspirados nos “livros do povo” (como Donzela Teodora ou Doze pares de França), também estão inseridos aqui os romances de anti-heróis, de animais encantados, de valentia, de tradição religiosa, de amor, de sofrimento, os de valentia bem como os falam sobre a mulher difamada. Ela classifica os folhetos em três grandes grupos: pelejas e discussões, folhetos de acontecido e folhetos de época.

Para Taveres (1990) é relevante a importância da literatura de cordel, que embora ameaçada pelo avanço das tecnologias, como o rádio, a televisão e a internet cada vez mais acessíveis, fez com que o folheto de caráter documental perdesse muito de seu papel divulgador das novidades, apesar de manter seu caráter de registro do fato

É possível encontrar folhetos que discorrem sobre a morte de Getúlio Vargas, inclusive há relatos de que os cordéis acompanharam toda a vida política do mesmo, assim como sobre a renúncia de Jânio Quadros e também sobre o confisco da caderneta de popança no governo Collor. Assim através de temas como estes percebemos o interesse das camadas populares na vida política do país. Para o cordelista Meyer (1980, p.92) “Folheto de poeta popular sempre foi jornal do povo”.

Pesquisas apontam que os folhetos de cordel possuem também um papel educativo. Há relatos de que um número significativo de pessoas tenha se alfabetizado através dos folhetos, de uma maneira autodidata: primeiro eles memorizavam os poemas lidos ou recitados por alguém e depois em processo solitário de reconhecimento das palavras e versos, iniciava-se a aprendizagem escrita.

Em outros casos, os cordéis aparecem como principal motivador para que os Patativa do Assaré, que como muitos outros autores era um ouvinte iletrado que logo começou a versejar e após conhecer o “mundo de encantos” dos folhetos frequentou a escola por seis meses.

2.2 LITERATURA DE CORDEL TRADIÇÃO ORAL E ESCRITA

O aparecimento dessa literatura oral no mundo das letras provocou o debate, sempre polêmico, entre a cultura iletrada e a cultura letrada. Igualmente aos cordelistas, os cantadores de viola também sofreram preconceitos perante a sociedade burocrática e classicista e, muitas vezes, são descritos de forma grotesca. O autor Carvalho apresenta a seguinte definição do poeta Nordestino:

Quase sempre desocupado, sem profissão classificada entre as classes laboriosas, boêmio por índole, valentão, desordeiro, seduzindo mulheres, dominando a canalha; eis o trovador do povo, a perambular de povoado em povoado, adivinhando casamentos e batizados, de viola no peito, faca de ponta à cinta, lenço de canga no pescoço, cabelos em cachos sobre testa, usando jaqueta e camisa muito alinhada (CARVALHO, 1998, p. 336)

O que a sociedade da época não percebia era que mesmo estes poetas populares, sendo analfabetos ou semiletrados, apresentavam um vasto conhecimento histórico e cultural, tendo em vista que para desempenharem tal trabalho fazia-se necessário o domínio amplo e diversificado das mais diversas áreas.

Também não percebiam, ou não aceitavam que estes poetas faziam da poesia uma profissão, seu meio de ganhar o sustento, bem como de sustentar as suas famílias. Sobre isso, Abreu (2004, p. 93) afirmou que: “alguns iniciaram a vida profissional como operários, vendedores, agricultores, almocreves, mas assim que conseguiram editar e vender folhetos, abandonaram o antigo ofício, passando a se dedicar apenas ao trabalho com os versos”.

De acordo com Carvalho (1998) essas visões permitem que a imagem do cantador do século XIX distancie-se bastante da imagem do cantador do século XXI, considerando que antes o cantador era visto como um boêmio, um viajante que fazia da música uma espécie de refúgio contra o trabalho pesado. Já na atualidade, apesar de não serem devidamente valorizados, alguns cantadores ganharam respeito e fazem da música seu meio de sobrevivência, ou seja, de sua profissão.

Desta forma, é importante destacar que, assim como na literatura de cordel, os poetas cantadores falam do cotidiano, da política, dos heróis do Nordeste, dos acontecimentos históricos como a seca, do amor, da morte e também da educação. Este tipo de poesia também sofreu preconceito, por ser vista como uma poesia inferior, porém, deve-se ter em mente a importância deste tipo de poesia, uma vez que ela exerce um importante papel de formação crítica, mas também suscita a performance do lúdico, encantando o ouvinte. Há uma interação dinâmica entre a cultura oral e o cordel impresso. Vejamos o que nos diz Ayala:

O ato de usar a escrita como apoio na memória oral é procedimento que permite a seguinte avaliação: aqueles que participam do universo da cultura têm a consciência que a escrita é um poderoso instrumento. Podendo parecer paradoxal, mas neste caso a escrita é posta a serviço da oralidade (AYALA, 2003, p. 115).

Portanto, pode-se dizer que a cantoria tem origem na oralidade, porém, há de

considerar-se que os cantores se valem da escrita para manter sua literatura viva. Seria de certa maneira, uma forma de registrar suas mais belas poesias, e nesses registros se acham a memória simbólica de um povo. Assim, pode-se dizer que a poesia escrita tem a finalidade de registrar a memória de um cantador.

Ressalta-se aqui esta passagem de transformação de literatura oral para a literatura impressa, na qual Abreu declara, “no final dos anos oitocentos, parte do universo poético das cantorias começa a ganhar forma impressa, guardando, entretanto fortes marcas de oralidade” (ABREU, 1999, p. 91). Reforçando a ideia, a referida autora registra que foi o poeta Leandro Gomes de Barros a imprimir os primeiros folhetos aqui no Nordeste e tal fato data o ano de 1893.

Porém, inicialmente os poetas apresentaram certa resistência quanto à edição e divulgação de seus poemas à forma impressa. Isso porque, para eles, a poesia era algo a ser contemplado pelo público e não para ser compartilhado. Havia então, certa vinculação de posse entre o poeta e a poesia. Sobre isso, Abreu (2005, p. 92) descreve que:

Os primeiros poetas costumavam anotar suas composições em tiras de papel ou em cadernos, como forma de registro de seus poemas, sem intenção de editá-los. Muitos rejeitam a publicação, acreditando ser melhor conservá-los exclusivamente para apresentações orais. João Faustino, poeta e vendedor de folhetos, fazia poemas, mas jamais os publicou, justificando: “Eu faço romance em verso, mas não solto senão perde a graça”

Este pensamento talvez esteja vinculado à ideia de que para os poetas fosse uma ameaça ao trabalho intelectual eles publicarem suas obras, pois, assim, facilitaria a possibilidade de memorização dos poemas pelo público letrado, haja vista que os poemas passariam a ser apreciados com maior frequência e não mais apenas quando declamados pelos cantadores. Sobre a publicação dos poemas, Abreu (1999, p. 96) apresenta o seguinte posicionamento:

Em culturas letradas, [...]. Não é preciso guardar cuidadosamente uma história, um verso bem feito, já que eles estarão para sempre presentes em algum livro, em alguma biblioteca. Já em uma cultura oral, a conservação de produções intelectuais depende exclusivamente da memória, criando uma propensão ao conservadorismo, ao tradicionalismo.

Não obstante às discussões sobre publicar ou preservar a maneira oral, a forma escrita ganha cada vez mais espaço. Registros apontam Leandro Gomes de Barros como o primeiro poeta a publicar cordéis no Brasil, inicialmente cada poeta publicava

suas obras. A partir da morte de Leandro, no intuito de preservar as suas obras, outras pessoas passaram a exercer a função de editor, surgindo assim, o primeiro editor de folhetos que não era poeta.

Os folhetos passam então por um momento de auge, com um grande número de poetas, editores, e certa semelhança entre os temas abordados, devido a preferência dos poetas em, de forma geral, tratarem sempre dos mesmos assuntos, os quais geralmente eram histórias de príncipes e princesas; reis e rainhas; cavaleiros; pessoas de má índole; ou os assuntos da época. Isto tornava os cordéis semelhantes um aos outros.

Não obstante, os poetas preocupavam-se com questões de direitos autorais e de propriedade dos textos, pois viviam da venda de suas composições. Por isso imprimiam seus nomes na capa e na primeira página dos folhetos, estampavam seus retratos, utilizavam acrósticos nas estrofes finais (ABREU, 1999, p. 98)

Em torno das produções de cordéis há também um período de desconfiança sobre a originalidade dos cordéis devido ao preconceito social e cultural, sob os poetas nordestinos foram alvos fáceis. Isso porque, concordando com a reflexão de Abreu (2005, p. 126 -127);

Homens pobres, com pouca ou nenhuma instrução formal, vivendo fora dos grandes centros intelectuais, não poderiam ter sido capazes de criar uma forma poética; ela tem que ser fruto de cópia ou de adaptação de um modelo preestabelecido. Confunde-se poder político e econômico com capacidade criadora.

Devido esta desconfiança de capacidade de criação, perdurou a falsa ideia de que os cordéis produzidos no Nordeste apresentavam forte semelhança com os cordéis produzidos em Portugal. Diante disso, achamos de fundamental importância discorrer sobre os fatores motivadores da ideia de que a literatura de cordel luso teria sido progenitora da literatura de folheto Nordestina. Sobre os folhetos lusos, Abreu (1999, p. 27 - 28) nos diz:

A primeira notícia que se tem sobre literatura de cordel lusitana vincula-se ao nome de Gil Vicente, que publicou, sob esta forma, algumas de suas peças. [...] Além de Gil Vicente, grande parte dos autores que integraram a chamada 'escola vicentina' foram considerados pela crítica como autores de cordel e pode tomá-los como marco inicial deste tipo de literatura em Portugal.

A literatura passa a ter uma forte expressão em Portugal, o que se demonstra

com um grande número de publicações, de autores, vendedores e apreciadores desta literatura. Sobre isto, Abreu (2005, p. 47) escreveu que:

O conjunto de textos divulgados sob a forma de folhetos vendidos a baixo preço, nos locais públicos das cidades e das vilas, atingia, portanto, um público amplo e de condições econômica bastante diversa. Como se sabe, a possibilidade de acesso à chamada „alta literatura’ não é facultada a todos aqueles que pertencem às elites econômicas, pois há barreiras culturais que não necessariamente coincidem com as barreiras sociais.

Logo, este tipo de produção espalhou-se, ganhando um público vasto de apreciadores dos mais diversos níveis econômicos e culturais. É importante lembrar aqui que esta literatura é também denominada de “popular”. Sobre esta denominação de cordel e popular, Abreu (1999, p. 23) vem nos dizer que “É correto dissociar ‘cordel’ e ‘popular’, uma vez que tanto autores quanto o público dessa literatura não pertencem exclusivamente às camadas populares”.

Pode-se dizer então, que a literatura popular era e é do agrado das pessoas de diferentes condições econômicas. De acordo com Abreu (2004, p. 51), ao falar sobre os livros trazidos de Portugal para o Brasil, registra que:

No interior desse conjunto de títulos – remetidos para o rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão, e Pará - encontram-se muitos folhetos de cordel. De um total de, aproximadamente, 2.600 pedidos analisados, 250 trazem títulos de cordel, sendo que cada um deles, em geral, requer autorização para dezenas de obras.

E assim, foram enviados os primeiros cordéis ao Brasil, os quais foram apreciados pela população bem como pelos poetas Nordestinos, conforme Abreu (2005, p. 133 - 134):

Lendo os cordéis portugueses, os poetas nordestinos perceberam que algumas das histórias poderiam agradar, mas necessitavam sofrer adaptações em um aspecto fundamental: a forma. O público parece ter aprovado essa decisão pois, enquanto os cordéis portugueses perdiam espaço sendo cada vez menos editados até que saíssem de circulação no Brasil, os folhetos recontando as mesmas histórias no padrão nordestino tornaram-se clássicos da literatura de folhetos.

Houve então o surgimento da literatura popular Nordestina, a qual por muito tempo foi associada à literatura de cordel luso, como já foi mencionado anteriormente. Porém destaca-se que estas literaturas apresentavam vários traços distintos, tais como: o perfil dos autores, a classe social a qual estava direcionada tais produções,

as temáticas e o veículo de transmissão. Trata-se de aspectos diferenciais, já que inicialmente no Nordeste privilegiava-se a oralidade e em Portugal a escrita. Sobre isso, Abreu (1999, p.104 - 105) escreve que:

Aqui, haviam autores que viviam de compor e vender versos; lá, existiam adaptadores de textos de sucesso. Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares, lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessavam mais as vidas de nobres cavaleiros. [...] Mesmo havendo significativas diferenças entre o cordel português e os folhetos nordestinos no que tange ao modo de produção, circulação e público, o ponto central da divergência entre as duas produções diz respeito aos textos. Os folhetos nordestinos possuem características próprias que permitem a definição clara do que seja esta forma literária.

Preocupado com a diferenciação entre o cordel português e o folheto nordestino, o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, em seu folheto “origem da literatura de cordel e sua expressão de cultura nas letras de nosso país” expõe a diferenciação existente entre as produções, dentre elas, a mais significativa talvez seja a que trata da característica principal do folheto nordestino, a qual consiste na obrigatoriedade de uma forma fixa, bem como na questão da rima e na estrutura versificada.

Mesmo com a diferenciação entre o cordel português e o folheto nordestino continuaram por algum tempo “a apregoada filiação dos folhetos nordestinos a literatura de cordel portuguesa, embora não se sustente após uma comparação atenta, faz parte do senso comum, chegando a parecer natural” (ABREU, 1999, p. 125). Esta naturalidade está fortemente associada à relação colonial existente entre os dois países. Ligando-se ao fato de que o país colonizado será sempre considerado submisso ao país colonizador, de tal modo que o Brasil manterá sempre este vínculo de enraizamento com Portugal.

Contudo, faz uso de uma comparação, onde cita que a feijoada é uma comida típica de várias regiões, mas que assim como a literatura popular do Nordeste, ambas tiveram seus traços ligados à cultura local. Como aponta Abreu;

[...] Há feijões pretos e carnes de porco em diversas partes do mundo, mas a ideia de combiná-los, segundo uma preparação específica, é peculiar ao Brasil. Da mesma maneira, compõem-se versos e contam-se histórias em todas as partes do mundo, mas a forma específica das composições nordestinas foi trabalhada e constituída no Nordeste do Brasil, a partir do trabalho de alguns homens pobres e talentosos (ABREU, 1999, p. 136)

No final do século XIX, com a afirmação da literatura popular, os poetas conquistaram um espaço significativo na sociedade, começando a ter uma maior aceitação dos seus folhetos. Este foi sem dúvida, um momento marcante na história da literatura popular nordestina. Ultrapassando estes dados históricos, para Pinheiro (2012, p. 70) “O dinamismo da cultura, o poder que tem de se renovar, de recriar velhos e significativos temas é uma das marcas da literatura de cordel”.

De tal modo, que se pode afirmar que na literatura popular, sobretudo no referente ao gênero cordel, há uma predominância de abertura para a variedade temática, tendo em vista que o mesmo possibilita aos poetas uma abordagem ampla, onde os temas são os mais diversificados possíveis. Sobre isto, Pinheiro e Marinho (2012, p. 129), ressaltando o uso do cordel em sala de aula, dizem que:

Encontramos na literatura de cordel uma variedade de temas, situações humanas, tragédias, comédias, casos inusitados, relatos históricos, imaginários e tantas coisas mais. Essa riqueza de abordagens assume tons diferenciados, visões de mundos às vezes conflitantes, ideologias diversas. Essa diversidade pode ser aproveitada para instigar debates, discussões em sala de aula (PINHEIRO; MARINHO, 2012, p. 129).

Diante do recorte histórico aqui exposto, em torno da discussão sobre a vinculação da literatura de cordel de Portugal e os folhetos produzidos no Nordeste, Abreu (2004, p. 136) escreve, “compõem-se versos e contam-se histórias em todas as partes do mundo, mas a forma específica das composições nordestinas foi trabalhada e construída no Nordeste do Brasil, a partir do trabalho de alguns homens pobres e talentosos”. Importa, finalmente, registrar que se o nosso folheto nasce no seio da cultura portuguesa, os poetas populares, malgrado à filiação, encontraram uma forma renovada de dizer a sua poesia.

Desta forma, entende-se que este entendimento ultrapassa a ideia mitológica de que estamos condenados a copiar as produções do colonizador. Assim, deve-se ter em mente que a literatura de cordel do Nordeste apresenta características próprias diferentes da literatura de folheto portuguesa. Diante do exposto teórico, vale ressaltar, a importância da literatura cordelista, de forma a suscitar a sensibilidade do leitor no sentido de trabalhar o cordel em sala de aula.

2.3 O GÊNERO LITERATURA DE CORDEL NA SALA DE AULA

O gênero Cordel configura-se por trabalhar a oralidade do aluno visto que esta habilidade é aperfeiçoada na escola, muito embora o aluno já chegue à escola sabendo se comunicar, mas é necessário desenvolver no mesmo atividades que favoreçam o gosto por textos em que se exercita a oralidade. Segundo Porto;

No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor e debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente. [...] o professor deve planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade[...] (PORTO, 2009, p. 22).

A leitura oral pode representar de início uma dificuldade tanto para o professor quanto para os alunos. No entanto, a Literatura de Cordel facilita a desenvoltura e o aprendizado dessa modalidade devido seu ritmo e da aproximação da poesia popular com os acontecimentos reais e por ser de uma linguagem próxima do cotidiano do aluno.

Meyer (1980) postula além do mais, a leitura oral de Cordéis possibilita também que os alunos percebam a beleza da cultura popular através da experiência concreta de leitura das mais variadas obras em vez de se apegar a modelos teóricos que futuramente são facilmente confrontados com outros estudos.

Vale salientar que, o próprio gênero Cordel surgiu da modalidade oral e possui um caráter fortemente oral tanto na composição quanto na transmissão. Na década de 1920, os contadores em geral se agrupavam nas casas-grandes ou em residências urbanas organizando festejos para participarem de desafios (denominados peleja) ou contar versos próprios ou alheios.

Para Luyten (1990) o folheto impresso demorou a surgir porque esses poetas escreviam suas composições em tiras de papel ou em cadernos, mas não tinham a intenção de publicá-los como folhetos. No entanto, por volta de 1930 a publicação de folhetos passou a ganhar grande relevância. Muitos desses poetas após conseguirem editar e vender seus folhetos, passaram a se dedicar mais à produção de seus versos e assim se organizaram os Cordéis que hoje temos acesso nos mais variados temas.

Analisando essas modalidades orais da poesia popular e aproveitando os tão diferentes temas que são tratados nos folhetos, o Cordel deve ser uma das opções de leitura na sala de aula. Para isso, é preciso ressaltar que do mesmo modo que os

Cordéis nasceram na oralidade, necessitam também ter uma realização oral adequada. Restringir o folheto à leitura silenciosa é limitar seu poder de comunicação e enfraquecer sua recepção e aceitação. Para isso é preciso dar voz ao folheto de Cordel em sala de aula. Sobre essa metodologia de leitura, Pinheiro (2007, 39) declara que:

Nossa perspectiva busca enfatizar o folheto como Literatura - e não meramente como informação, jornalismo e outras abordagens de caráter pragmático. Qualquer que seja a escolha, um aspecto precisa ser reforçado: o folheto é para ser lido. Ele pede voz. A sala de aula nos parece bastante adequada para a vivência da leitura de folhetos, uma vez que poderá ser transformada num lugar de experimentação de diferentes modos de realização oral.

Logo, a leitura oral se faz necessária na sala de aula para que os alunos tenham contato com os mais diversos textos literários e não apenas como informação sobre a literatura e seus períodos, mas sobre textos de literatura popular, que contribua assim para tornar o aluno um leitor reflexivo a partir da experiência com as mais variadas maneiras que o homem usa para narrar seus sentimentos e seus conflitos sociais.

Portanto, a oralidade deve ser usada, avaliada progressivamente, devendo sempre considerar: a participação individual do aluno, a sua exposição, a fluência de sua fala, a participação organizada, o seu desembaraço e as suas contribuições. E ainda, de acordo com Porto (2009, p. 15) "saber escutar com respeito os mais diferentes tipos de interlocutores é fundamental. Se não houver ouvinte, a interação não acontece". Logo, é preciso desenvolver nos alunos a competência de saber escutar o outro, o que favorece, inclusive, a convivência social.

Somos de tal maneira ligados à língua escrita que se torna muito difícil imaginar a vida fora do mundo colocado no papel. Mas na antiguidade a forma que encontravam para preservar suas histórias, suas tradições e sua cultura era a memória e para fazer com que essas histórias chegassem até as pessoas era através da oralidade.

Martins (2006) argumenta que pode parecer surpreendente, mas a escrita é uma invenção recente que data de 5.000 anos, mesmo depois de sua invenção, precisou de um tempo para que os homens se acostumassem com essa nova tecnologia. Além de tudo isso, uma das formas mais antigas das gerações maduras passarem ensinamentos para as gerações mais novas é pela contação de histórias, muito usual nas sociedades sem escritas e sem escola. Nesse sentido, o Cordel

surgiu, justamente dessa classe do campo que buscava através dos trovadores maneira de retratar seus amores, seus sofrimentos e suas ambições.

Ainda de acordo com a autora observa-se que a história da leitura teve seu início com a noção da escrita, reconhecida pela sociedade, como veículo de comunicação. Assim, conseguindo tornar públicas as publicações, melhorando a socialização e dando sentido a formação da sociedade. A leitura no Brasil teve seu início com muita dificuldade no processo de institucionalização, que é o que predomina. Essa leitura se materializa firmando seu compromisso de funcionalidade em sua estética de criação da arte universal.

Segundo estudiosos, a exemplo de Carvalho (1998), literatura é uma palavra que veio do latim, cujo significado quer dizer "letras". A literatura só acontece com a escrita, apesar de ambas não terem seu surgimento na mesma época. Existem muitas contradições com relação aos registros da história dos primeiros registros, surgindo da fala das pessoas provindas do seu meio, repassado para o papel em versos.

Quando se fala de literatura popular segundo Eliade (1998) não é difícil associar à literatura de cordel, que teve, na idade média, origem provinda de Portugal. Os traços da Literatura de Cordel só são encontrados dentro da literatura popular quando nos referimos a ditos populares, lendas, mitos, rezas, pragas, profecias, agouros, entre outros. No Brasil, é também conhecida como literatura de folheto, de gênero popular, normalmente, apresenta rimas escritas na sequência, relatos orais traduzidos e conclui com a impressão em folhetos, que não foi muito prestigiado, atribuindo a ele um valor pouco significativo.

Abreu (2004) postula que para a sua apresentação era feita nas portas das livrarias. Mas hoje não fazem mais uso de um cordão que era utilizado para pendurar os folhetos, mesmo assim, mantém até hoje o seu nome: cordel. Registros mostram que o cordel viveu uma crise econômica nos anos 60, na qual, o maior fato foi à inflação nacional, encarecendo o material gráfico, ficando inviável ao comprador popular, adquirir os folhetos.

De acordo com Melo (1992) a sociedade tem em sua cultura popular, o respeito que se dá ao cordel trabalhado em sala de aula e reconhece como patrimônio dos povos nordestinos. Justamente porque a linguagem usada ao desenvolver o cordel, nos remete a identidade de uma determinada região, dando significados aos conhecimentos da identidade de cada ser, exigindo para a interpretação, não só de

textos literários, sendo assim, busca-se promover uma leitura de mundo que é de fundamental valorização para a formação e o desenvolvimento de uma sociedade.

Para Cascudo (2002) a literatura oral brasileira conserva as manifestações de recreação, que são movimentados pela tradição, que em meio à cultura dos índios, portugueses e africanos, ainda está presente na memória e nos costumes do povo e a modernização. Mas o desenvolvimento industrial e a modernização fizeram com que os homens se ocupassem de outras atividades, deixando as relações humanas se transformarem, de maneira que o interesse pela narrativa oral se perdesse, assim como aquele que contava história para grupos.

Segundo Luyten (1990) a chegada da imprensa modificou essa prática oral, passando para o escrito, integrando a cultura popular a da literária. Assim, dentro da literatura popular, está a literatura de cordel. Estudos sobre literatura mostram como é fundamental desenvolver práticas de leitura, em diferentes modos, na escola. Por esse Norte, frisamos no item a seguir essa importância. Uma das formas de mediação do ensino da linguagem ocorre por meio dos gêneros textuais.

De acordo com Marcuschi (2008) os gêneros textuais são textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativa característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Portanto, cada gênero tem suas particularidades para cumprir as suas funções comunicativas.

Assim, diante dessas vastas especificidades e utilidades dos gêneros textuais tendo como objetivo orientar e direcionar o trabalho do professor com a linguagem na sala de aula. Porque é na escola que o professor deve procurar trabalhar com a diversidade de gêneros textuais tratando cada um de acordo com as condições materiais de que o aluno dispõe fora da escola, ou seja, devem ser levados em consideração as condições socioeconômicas do aluno. Como bem aborda os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 71), "formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura".

Os Parâmetros Curriculares Nacionais enfatizam que para formar leitores é necessária a junção de vários recursos e, principalmente como será conduzido o trabalho com o gênero textual em estudo, pois apenas ler e fazer interpretação não

leva o aluno a reconhecer a verdadeira importância e a função social da leitura e da produção de diversos gêneros textuais.

Ainda seguindo as orientações dos PCN, o avanço das comunicações foi exigindo mudanças nos métodos de ensino, porque os que então eram utilizados tornaram-se ultrapassados, contribuindo com os altos índices de evasão e repetência escolar. Muitas pesquisas, feitas por estudiosos da área com objetivo de reverter essa situação, mostraram que era fundamental que se fizessem mudanças na forma de ensinar, principalmente, no quesito do domínio da leitura e escrita pelos alunos.

Os PCN's foram criados com o propósito de alavancar o ensino e elevar o nosso país para uma estrutura de país desenvolvido. Vários fatores fizeram com que os PCNS apresentassem orientações que instigassem alunos e professores de desenvolverem o potencial crítico, a percepção das coisas, da sua capacidade de leitura, nos mais variados textos e, com este propósito, os PCN's visa desenvolver no aluno, o domínio da linguagem seja ele no ato de fala e escrita, desempenhando com eficácia a visão de mundo e a informação que dará a ele a capacidade de exercer sem intermediários o exercício da cidadania.

Pinheiro e Marinho (2012) justificam que a sociedade tem em sua cultura popular, o respeito que se dá ao cordel trabalhado em sala de aula por reconhecê-la como patrimônio do povo nordestino. Assim, a linguagem usada no desenvolvimento do cordel, nos remete a identidade de uma determinada região, dando significados aos conhecimentos da identidade de cada ser, exigindo para a interpretação, não só de textos literários, sendo assim, desenvolvendo a leitura de mundo que é de fundamental valorização para a formação e o desenvolvimento de uma sociedade.

As leituras, de maneira geral, como pregam os PCNs, propõem um novo olhar sobre as habilidades da comunicação, de falar, de ouvir e escrever, cujo objetivo é ampliar os conhecimentos, desenvolver o raciocínio para promover a habilidade interpretação. Para isso Pinheiro e Marinho (2012) argumentam que a tarefa de educar é considerada uma atividade complexa, permeada de lacunas a serem enfrentadas, uma delas é o desafio de formação de leitores. Diante disso, o problema do desinteresse e da carência de leitura dos alunos tornou-se um tema bastante debatido atualmente.

Sobre o processo de formação de leitor Mohr (2006, p. 27) revela que "é comum atribuir à escola o papel de levar ao encontro do aluno o universo da leitura" Desta forma, é atribuído à escola, mas especificamente ao professor de língua portuguesa,

a responsabilidade de formar leitores. Ao atribuir à escola o papel redentor de formador de leitores, faz com que esta função seja vista pelos professores como um fardo pesado demais, isto por que:

A família é o início de toda uma educação e esta será completada com o trabalho dos profissionais das escolas, portanto o gosto pela leitura e a formação de opinião incluem-se neste rol de aquisições que a criança deverá trazer de casa a aprimorar durante toda a sua vida escolar (MOHR, 2006, p. 26)

É válido destacar que os alunos que ultrapassam o limite de meros decodificadores, atingindo o nível de leitores críticos, conseqüentemente, terão um maior rendimento escolar, mas para isso é necessário que haja um incentivo à leitura literária nos espaços da sala de aula, bem como fora dela. Mohr (2006, p. 29) registra que “infelizmente, a leitura da literatura indicada na escola está vinculada a um trabalho, cuja finalidade na maioria dos casos é favorecer a avaliação dos discentes”.

Diante disso, nos debruçamos em defender que não se deve atribuir exclusivamente ao professor, sobretudo de Língua Portuguesa, a tarefa de formar leitores, pois esta é uma tarefa exaustiva demais. E defendemos então, que o professor deve assumir o papel de incentivador do gosto pela literatura. Isso porque, como nos diz Martins (2006, p. 91) “ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas sim revelar ao aluno o caráter atemporal, bem como a função simbólica e social da obra literária”.

Infelizmente nem sempre o trabalho com a literatura na sala de aula atinge as expectativas, tendo em vista que fatores com a falta de letramento literário impossibilitam um trabalho mais árduo na sala de aula. Isso porque, a grosso modo, o trabalho com a literatura ocorre “por meio da imposição” (MOHR, 2006, 44).

Diante disso, concorda-se que formar leitores é despertar no aluno o interesse por aquilo que lhe é ofertado para ler, assim, é provocar no aluno a inquietação, a curiosidade, despertando assim, o desejo de ler, o qual será feito de forma espontânea e não de forma aborrecida. É significativo dizer que diante da diversidade de gêneros o professor deve fazer uso dos mesmos promovendo aulas diversificadas.

Bakhtin (2003) defende a diversidade dos gêneros tendo em vista o seu postulado sobre o aspecto da pluralidade linguística. Em concordância com as ideias de Bakhtin, defende primordialmente que deve haver a diversidade dos gêneros,

proporcionando abertura para a utilização de textos que proporcionem um processo de identificação entre o texto e o leitor.

Com isso, postula-se que deve haver abertura para a diversidade dos gêneros e, assim, um espaço destinado ao trabalho com cordéis, uma vez que este gênero provoca no leitor, sobretudo o Nordestino, o reconhecimento de sua cultura, a qual deve ser respeitada. Isso por que segundo Mohr (2006, p 19) “não há cultura melhor nem pior: há culturas diferentes, segundo as experiências dos homens que as produzem”

De tal modo a poesia deve ter seu espaço respeitado no cronograma educativo das instituições de ensino, para que a mesma não seja marginalizada em relação aos textos em prosa. Sobre este processo de marginalização, Pinheiro (2007, p. 17) informa que:

De todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula. [...] Normalmente, as professoras dão prioridade ao trabalho com textos em prosa, deixando sempre a poesia em segundo ou terceiro plano.

Diante da constatação da predominância de textos em prosa, instiga-nos a pensar qual seria o espaço da poesia na sala de aula. E pensar mais além, a exemplo da reflexão sobre o espaço destinado ao trabalho com a poesia popular e como esta arte vem sendo trabalhada. Refletir também se a literatura popular está sendo trabalhada de forma interessante e adequada, pois:

Fala-se muito na presença da literatura de cordel na escola e existem várias intervenções sendo realizadas, sobretudo em estados do Nordeste. Abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância (PINHEIRO; MARINHO, 2012, p.11)

Deste modo, no tocante ao trabalho com a literatura popular há duas lacunas a serem enfrentadas: a efetivação da inclusão do cordel nas escolas e a criação de propostas pedagógicas adequadas para utilizar-se do cordel na sala de aula.

Por conseguinte, segundo Marcuschi (2008) discorre que é necessário o domínio dos gêneros, quanto maior for sua competência, melhor será seu desempenho, o que lhe permite prever quadros de sentidos e comportamentos nas diferentes situações de comunicação com que se depara cotidianamente. Esse

conhecimento possibilita de antemão a melhor escolha de vocabulário para a ocasião e ainda a adequação de uma prática social.

Souza (1976) no que diz respeito ao trabalho com a Literatura de Cordel na sala de aula se dar devido à grande proporção que a cultura popular tem na sociedade, já que a Literatura de Cordel é conhecida como patrimônio histórico e cultural do povo nordestino e brasileiro. A utilização do Cordel no ambiente escolar deve explorar todas as possibilidades de sentidos oriundos do texto como as vozes sociais que tratam de vários temas.

Logo, o Cordel como gênero do discurso contribui na formação do aluno possibilitando o domínio de outros conteúdos. O professor poderá mostrar as variantes regionais, o conceito de moralidade e de religiosidade do povo brasileiro, despertar nos alunos interesse pela criação de poemas, conduzi-los para que conheçam e compreendam como é retratada a realidade nesses poemas. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p. 128):

Experiências culturais fortes e determinantes de grandes obras artísticas como o Cordel – seu valor não está apenas nisto – estão praticamente esquecidas e a escola pode ser um espaço de divulgação destas experiências. Sobre tudo mostrando o que nelas há de vivo, de fervescente, como ela vem sobrevivendo e adaptando-se aos novos contextos socioculturais. Como elas têm resistido em meio ao rolo compressor da cultura de massa.

Os autores deixam claro que se faz necessário procedimentos metodológicos que orientem o trabalho com o Cordel terão que favorecer o diálogo com a cultura da qual o aluno emana e poderá buscar novas vivências e conhecimentos, além do mais propiciar ao mesmo conhecer a contribuição do Cordel na formação do povo brasileiro.

Ainda segundo Marinho e Pinheiro (2012) apresentam algumas sugestões para o trabalho com a literatura de Cordel: atividades envolvendo toda a escola podem ser realizadas, uma boa estratégia é a realização de uma Feira de Literatura de Cordel. A Feira pode ser realizada em uma tarde, numa manhã, durante um dia; por exemplo, ser uma atividade específica, mas também figurar dentro de uma semana cultural, artísticas etc. Ela pode compreender diferentes atividades:

- Folheteiros vendendo seus folhetos;
- Emboladores e violeiros cantando, fazendo desafios, improvisado;
- Exposição de xilogravuras e de folhetos antigos e/ou novos;
- Murais com reportagens sobre cordelistas e literatura de cordel em geral;

- Palestras e oficinas de criação de poemas de cordel, realizadas por poetas locais.

A feira pode conter outras atrações. Tudo dependerá de como o trabalho será feito, como os alunos foram estimulados e das considerações materiais para trabalhar, assim como da própria inventividade. O mais importante de tudo isso é que a Literatura de Cordel seja percebida como uma produção cultural de grande valor e que precisa ser conhecida, preservada e cada vez mais integrada à experiência de vida de nossas gerações. Portanto, muitas são as possibilidades do trabalho com o gênero Cordel na sala de aula. Para finalizar, o trabalho com a Literatura de Cordel na modalidade oral segundo Souza:

[...] é importante compreender melhor a natureza da exposição oral porque, ela assume na escola uma dupla função: é ao mesmo tempo, um instrumento de trabalho do professor – afinal, grande parte das atividades de ensino é organizada por meio de exposições orais – e uma tarefa escolar importante a ser realizada pelo aluno – de transmitir aos outros os conhecimentos aprendidos (SOUZA, 1976, p. 10).

Dessa maneira, é possível afirmar que o ensino e a aprendizagem da oralidade ultrapassam os limites da sala de aula. Levando o aluno a ser sujeito ativo no meio em que vive e a escola exercendo sua função social. Percebe-se que a literatura do cordel dá margem para ser trabalhado em todos os níveis de educação e na maioria das disciplinas. Justamente por poder promover a interdisciplinaridade entre elas.

Ayla (2003) aponta para a criação e a valorização da cultura, tanto local quanto regional por buscar um novo olhar para se trabalhar a leitura e a produção textual, incrementando assim a natureza literária. Entende-se que o cordel traz consigo traços de realidade, de humor e de fatos que vem acontecendo, instigando, dentre os alunos, a criatividade de maneira menos enfadonha e mais prazerosa.

Deste modo, reconhece que o cordel, como suporte na leitura vem para valorizar a cultura popular de uma determinada região, trazendo benefícios para todos os envolvidos no nível de aprendizagem direta com a oralidade e escrita. A literatura de cordel tem uma proximidade maior com a linguagem popular, com o que está acontecendo e esses contatos aproximam o aluno dentro da realidade que ele está inserido. Isto porque o cordel aborda a linguagem cotidiana dos alunos, tornando o entendimento dos textos mais fácil, dando abertura para novos caminhos e horizontes na construção do conhecimento destes.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa é definida como o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 12). O estudo desenvolveu-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. Ainda para as autoras, só se inicia uma pesquisa se existir uma pergunta, ou seja, uma questão norteadora e/ou uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. Pesquisar, portanto, é buscar ou procurar resposta para alguma coisa.

As razões que levam à realização de uma pesquisa científica podem ser agrupadas em razões intelectuais desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer e razões práticas desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficaz (GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 12).

A partir das ideias expostas, o presente estudo se propôs a responder as questões com a base científica da pesquisa bibliográfica. Sobre a pesquisa Bibliográfica é possível destacar que a pesquisa bibliográfica é aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações de materiais gráficos, sonoro ou informativo:

Para efetuar esse tipo de pesquisa, deve-se fazer um levantamento dos temas e tipos de abordagens já trabalhadas por outros estudiosos, assimilando-se os conceitos e explorando-se os aspectos já publicados, tornando-se relevante levantar e selecionar conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, videotecas, na internet, entre outras (PRESTES, 2012, p. 30-31).

Ainda conforme a autora, a pesquisa bibliográfica é capaz de entender os objetivos tanto do aluno, em sua formação acadêmica, quanto de outros pesquisadores, na construção de trabalhos inéditos que objetivem, rever, reanalisar, interpretar e criticar considerações teóricas ou paradigmas, ou ainda, criar novas proposições na tentativa de explicar a compreensão de fenômenos relativos às mais diversas áreas do conhecimento.

A respeito sobre os tipos de pesquisa Xavier (2010, p.44), argumenta que os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são "sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema. Toda a pesquisa baseia-se na análise de temas voltados para a temática do trabalho em construção".

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para os procedimentos metodológicos da pesquisa adotou-se a pesquisa bibliográfica que De acordo com Severino (2007) é aquela realizada a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizando dados teóricos feitos por outros pesquisadores já registrados, os textos transformam-se em fontes dos temas a serem analisados e o pesquisador se fundamenta nos autores de estudos catalogados.

Para Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já avaliadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador avaliar o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam exclusivamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa bibliográfica é considerada mãe de toda pesquisa, fundamenta-se em fontes bibliográficas; ou seja, os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas.

Xavier (2010) discorre que pesquisa bibliográfica é uma forma de investigação em busca de respostas que estão contidas em material gráfico, sonoro ou digital, encontrados em bibliotecas reais ou virtuais. O pesquisador faz um levantamento de trabalho já realizado, sobre um determinado tema e cataloga-os com o propósito de analisar e reinterpretar e criticar.

3.3 COLETA DE DADOS

Conforme afirmam Gerhardt e Silveira (2009) a coleta de dados é a busca por documentos para a explicação do fenômeno ou fato que o pesquisador quer mostrar. O instrumental técnico elaborado pelo pesquisador para o registro e a medição dos dados deverá preencher os seguintes requisitos: validade, confiabilidade e precisão.

Na realização deste trabalho bibliográfico foram utilizadas diversas fontes de pesquisas publicadas tanto por meios eletrônicos, quanto por escritos, tais como artigos, sites e livros. De acordo com Severino (2007) postula que pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Em ambos os casos, busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto tema ou problema.

O autor supracitado aborda que na referência bibliográfica recorreremos ao uso de documentos já publicados para a realização e fundamentação de um trabalho, e que nessas publicações há a necessidade de investigar os temas abordados para a solução do problema o qual procuramos resolver.

Após analisar e refletir sobre as questões supracitadas, foi necessário pensar em sugestões de proposta interventiva pedagógica. Para a construção da coleta de dados desse trabalho, foram realizadas pesquisas, todas pautadas em recursos bibliográficos. Foram elaboradas quatro proposta didático pedagógica para o uso do cordel na sala de aula.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

As propostas aqui elaboradas têm como objetivo apresentar propostas que podem ser utilizadas como ferramenta didático-pedagógica para o incentivo e valorização desse gênero textual. As propostas podem ser utilizadas com alunos do 6º ao 9º ano.

PROPOSTA 1

OBJETIVO: Propor aos alunos uma oficina de literatura, utilizando o cordel, como estudo; estudar o cordel, a origem, a história, a métrica; desenvolver um projeto “Resgatando o cordel” para ser apresentado em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO: Para o desenvolvimento dessa proposta utilizara o cordel como objeto do estudo. Utilizar filme “A Quenga e o Delegado” inspirado no cordel de Antonio Kelvisson Vianna de Lima, na qual mostra a linguagem do cordel, narrativa estrutura em versos e rimas e assim desenvolver o interesse do aluno sobre a linguagem cordelista. Aproveitar o teor do filme “A Quenga e Delegado” para fazer um painel enfocando questões como a seca, condições de trabalho no campo, diferença social, as crenças populares, a religiosidade do sertanejo, o mito, o lendário e a vinculação de críticas sociais e políticas. A temática principal deste gira em torno do interesse popular.

PROPOSTA 2

OBJETIVO GERAL: Propor uma atividade de incentivo à criação de uma narrativa. Possui caráter interdisciplinar que reúna diversas disciplinas do curriculum do Ensino Fundamental (História, Geografia, Linguagens, e Educação Artística, Ciências), através de uma ‘Semana Temática do Cordel’.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Ensino de construção poética com rimas; apresentar a história do Cordel; incentivar a prática de pesquisa nos estudantes; trabalhar e estimular capacidades artísticas e criativas através da confecção do cordel.

DESENVOLVIMENTO: a produção textual da poesia, as estruturas rítmicas das cantigas trovadorescas (literatura); as variantes linguistas; oralidade e texto escrito; figuras de linguagem e intertextualidade (nas temáticas abordadas nas poesias).

PROPOSTA 3

OBJETIVOS: Aprender o que é xilogravura e apreciá-las; conhecer a riqueza da literatura de cordel; produzir cordéis por escrito mantendo fidelidade às características do gênero.

DESENVOLVIMENTO:

1ª Etapa: Início de conversa

Os cordéis foram trazidos para o Brasil pelos portugueses, desde o início da colonização. Seu nome está relacionado à forma como eram comercializados em Portugal. Os folhetos eram pendurados em cordões denominados cordéis. Estes textos apresentam uma estrutura em versos e podem contar fatos do cotidiano, lendas, episódios religiosos, fatos históricos e muitos outros assuntos. Como nos anos finais do Ensino Fundamental I os alunos já apresentam maior segurança para produzir textos, os cordéis podem ser uma boa alternativa para o trabalho com a linguagem poética e também uma excelente alternativa para o incentivo a escrita de autoria deles.

2ª Etapa: Conhecendo a literatura de cordel

- Espalhe pela sala alguns cordéis (o ideal é colocá-los como são vendidos presos em cordas), caso não tenha acesso a livros originais de cordel você pode imprimir alguns que estão disponíveis no item “Para organizar seu trabalho e saber mais”.

- Assim que os alunos entrarem na sala solicite que eles andem pelo espaço e peguem um dos textos que ali estão, caso não tenha um texto por aluno peça que se organizem em duplas. Após esse momento inicial, solicite que um aluno por vez leia em voz alta um trecho do cordel escolhido. O legal dessa dinâmica é trabalhar a oralidade e a leitura com entonação dos alunos, por isso caso algum deles apresente dificuldade em fazê-lo o professor poderá auxiliá-lo.

- Depois da leitura de todos os alunos converse com eles sobre os textos, você pode fazer algumas perguntas como: Vocês conhecem esse gênero de texto? Já ouviram algo semelhante? Qual é o tema tratado? Os temas são iguais? O que encontraram de semelhante nos textos lidos?

- Após a conversa informe aos alunos que esse texto é denominado cordel e conte a eles algumas informações importantes sobre o gênero. Você tem acesso à definição de cordel e ao histórico do gênero no item “Para organizar seu trabalho e

saber mais". Além disso, você também poderá solicitar que façam uma pesquisa sobre a literatura de cordel como lição de casa.

3ª Etapa: Apresentando a proposta

- Com a devolutiva da lição de casa faça coletivamente com os alunos um quadro contendo as principais características do gênero, características que serão utilizadas posteriormente pelos alunos para escrever seus textos.
 - Algumas sugestões de itens que podem estar no quadro são:
 - ✓ Os versos do cordel são em sextilha, ou seja, têm estrofes de seis linhas cada. As rimas normalmente ocorrem entre as linhas 2, 4 e 6 (aqui você poderá colocar um exemplo).
 - ✓ Os textos podem contar fatos do cotidiano, lendas, episódios religiosos, fatos históricos, histórias de amor e entre outros assuntos.
 - ✓ Os cordéis são produzidos em livros com o mesmo tamanho 10 x 16 cm, a mesma coisa que uma folha sulfite dobrada em quatro partes.
 - ✓ As capas dos livros de cordel são feitas com xilogravura, uma técnica de cópia de imagem no papel.
 - É importante antes de apresentar a proposta mostrar para os alunos xilogravuras e explicar como são feitas.
 - Em seguida diga aos alunos que vocês farão na sala uma feira de cordel, ou seja, que montarão na sala uma exposição com os cordéis produzidos por eles. Para isso cada um precisará escolher um tema, criar um cordel e confeccionar o livro para expor.
 - Contudo, antes de colocarem a mão na massa na produção do livro, leve os alunos até a sala de informática e proponha que experimentem criar cordéis por meio de um site específico do tema, o link está disponível no item "Para organizar seu trabalho e saber mais". Assim, eles criarão uma maior familiaridade com o gênero e poderão acessar curiosidades, modelos de cordéis, entre outros itens relacionados à literatura de cordel.

4ª Etapa: Produzindo livros de cordel

- durante cada etapa da produção do livro o professor poderá auxiliar os alunos tirando dúvidas que por ventura surgirem e informando quando algo estiver errado.
- 1ª parte: Escolha do tema e escrita do cordel – Nessa primeira parte cada aluno receberá uma folha de rascunho e deverá anotar o tema escolhido e escrever o

seu cordel. Uma sugestão é definir com os alunos quantas páginas (mínimo e máximo) poderão ter o livro. O professor poderá também deixar a disposição do grupo dicionários para que os alunos localizem palavras que rimam, facilitando a proposta.

- após a escrita dos alunos, recolha os textos e faça a correção dos mesmos para que depois eles façam a escrita final no livro. Uma alternativa que também pode ser adotada é a revisão compartilhada, ou seja, depois de ler os textos o professor verifica quais alunos poderiam auxiliar uns aos outros e solicita que eles façam a revisão do texto para os colegas. Por exemplo, se o texto de um aluno apresenta dificuldades ortográficas, entregue-o para um aluno que já consegue resolver estas questões e que apresente outra dificuldade como organizar o texto ou dar coerência a história que está sendo contada, por exemplo.

- 2ª parte: Confeção do livro e escolha da xilogravura – Com os textos corrigidos pelos alunos, solicite que produzam o livro utilizando folhas sulfites dobradas em quatro partes passando o texto a limpo. Depois, informe que eles deverão encontrar em sites de pesquisa de imagens na internet uma xilogravura que combine com seu cordel e utilizá-la como capa. É importante que eles anotem em seu livro a autoria da xilogravura ou a fonte de onde retiraram a imagem e na última parte do livro justifiquem a escolha por aquela xilogravura utilizando trechos de seu cordel.

- com os livros prontos, organize a sala como uma feira de cordéis e convide os pais ou outras turmas da escola para visitar e ler as produções dos alunos.

PROPOSTA 4

OBJETIVOS: Conhecer a riqueza da Literatura de Cordel; aprender técnicas para se fazer uma xilogravura; fazer um livro interativo sobre uma produção de Literatura de Cordel.

DESENVOLVIMENTO: Faça uma roda de conversa e apresentem a imagem depois peça para os alunos dizerem o que sabem sobre a imagem, depois perguntem sobre a literatura de cordel, na medida em que os alunos expuserem suas ideias anote em um cartaz, este será útil para a avaliação final da atividade.



Fonte da imagem: Google (2018)

1. Pesquisa na Internet

A pesquisa na internet deve responder as seguintes questões:

- a) O que é Literatura de cordel?
- b) Qual a origem da Literatura de cordel?
- c) Quais são as características da Literatura de cordel?
- d) Quais são os principais cordelistas brasileiros?
- e) Qual a importância da xilogravura na Literatura de cordel?

Após a pesquisa individual dos alunos, peça para que alguns socializem suas descobertas. Faça novamente um cartaz com as descobertas dos alunos.

2. Xilogravuras- ilustrações dos cordéis

Novamente o aluno usará os sites de busca para aprender sobre a xilogravura.

3. Seleção de um trecho de um cordel

O aluno deverá escolher um trecho de um cordel para construir a ilustração através da técnica de xilogravura. Peça para o aluno copiar o trecho em um documento, colocando a autoria, um breve texto sobre o autor do cordel e também a indicação do site que utilizou.

4. Oficina de Xilogravuras

Realmente trabalhar xilogravura devido à obtenção dos instrumentos. Uma alternativa é improvisar com materiais mais simples. Por exemplo: usando bandejas de isopor (essas de alimentos, que geralmente as pessoas jogam fora - é uma boa já entrar com o assunto do lixo no meio ambiente), corte as abas, deixando só o fundo, para ficar mais fácil e não quebrar. Com o lápis, as crianças desenhavam, formando os

sulcos. Depois, com um rolinho e tinta guache, passar sobre o desenho e em seguida, imprimi-lo em um papel. Não é exatamente xilogravura, mas pelo menos você exemplifica a técnica.

Para realizar seu trabalho o aluno deverá ilustrar através da xilogravura o trecho que escolheu de um cordel.

5. Fotografia dos trabalhos e associação aos textos

Depois que cada aluno confeccione sua xilogravura, peça para que cada aluno fotografe sua obra e salve na pasta de documentos.

6. Montagem do livro interativo dos alunos através de hiperlinks

Cada aluno deverá abrir um documento em um programa de apresentação, e no slide inserir a foto da xilogravura, o trecho escolhido do cordel e a autoria. Deverá salvar na pasta de documentos.

O professor unirá os slides de todos os alunos e fazer um índice com o nome de cada aluno e linkar o slide, assim quando se clicar no nome do aluno se conhecerá o trabalho desenvolvido pelo aluno.

Na reunião de pais, disponibilize o livro de xilogravura e cordel feito pelos alunos, assim cada um poderá compartilhar com o seu familiar o que tem aprendido na escola.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho proporcionou uma reflexão sobre a importância de se construir ferramentas de ensino, possibilitando ao aluno atividades dinâmicas e prazerosas, que unem diversão e conhecimento. Também foi possível perceber o quanto é importante que o professor se reinvente, busque algo novo que possibilite uma nova forma de aprendizagem, contribuindo não só para com o professor, mas principalmente com o aluno que apresenta dificuldades em relação aos métodos tradicionais de ensino.

Com o desenvolvimento deste trabalho, ainda foi possível compreender as possibilidades de usar o cordel como uma ferramenta didático-pedagógica para as aulas de Língua Portuguesa. Observa-se que a escola e os professores devem ampliar as experiências de trabalho com a Literatura de Cordel e proporcionar aos alunos entrarem em contato com essa literatura.

Diante disso, o maior desafio é dar continuidade ao processo de resgate da Literatura de Cordel que não tem um lugar tão especial na escola. Por conseguinte, levar a Literatura de Cordel para a sala de aula é contextualizar o aluno no meio social, é confirmar que o Cordel faz parte da identidade não somente do povo brasileiro. Assim, é sempre importante ressaltar, que a sociedade contemporânea não valoriza a cultura popular, deixando-a à margem do processo educativo, mascarando por vezes, sua riqueza, está perdida no tempo e no esquecimento.

Enfim, o Cordel se apresenta como um importante instrumento para o aprendizado, devido a sua linguagem peculiar e as suas vozes sociais presentes que representam uma parcela da cultura brasileira. A Literatura de Cordel possui seu valor que pode ser comparado com a literatura considerada clássicas, pois têm escritores consagrados, que também escreveram sobre os problemas de miséria do sertanejo e até dos cangaceiros.

Além de tudo que foi dito, o trabalho com a Literatura de Cordel na sala de aula com incentivo à leitura, em um mundo cercado de tecnologias, fazer uso de textos considerando “extintos” se torna um grande desafio para os professores, e ao mesmo tempo permite que o mesmo trabalhe na sala de aula no desenvolvimento das competências leitoras, escritas da própria valorização cultural do cordel com os alunos.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Antologia de folhetos de cordel: amor, história e luta**. São Paulo: Moderna, 2005.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1999.

ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

AYALA, Maria Ignes Novais. Aprendendo a apreender a cultura popular. In: **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria da educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais/língua portuguesa**. Brasília. MEC/SEF. 1998.

CARVALHO, Rodrigues. **Cancioneiro do Norte**. Paraíba: Conselho Estadual de Culturasec. 1998.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 11. ed. São Paulo, Global. 2002.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Literatura de Cordel**. In: Batista, Sebastião Nunes. Antologia da literatura de cordel (org) 1977.

ELIADE, Mircea. Sobrevivências e camuflagem dos mitos. In: **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FONSECA, João. José. Saraiva de. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.) **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:< www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso: 05 jul. 2018.

LUYTEN, Josephn. **O mito e a Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: **Português no ensino médio e formação do professor**. (org.) Clécio Bunzen; Márcia Mendonça; Angela B. Kleiman [et al.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MELO, Veríssimo de. **Literatura de Cordel: Visão Histórica e aspectos principais**. Fortaleza: BNB, 1992.

MEYER, Marlyse. **Autores de cordel**. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MOHR, Denise Kostycz. **Leitura: reflexões, divergências e sugestões metodológicas**. São Paulo: SP: Edições Loyola, 2006.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3 ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PINHEIRO, Herder; MARINHO, Ana Cristina. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais**. Curitiba. Aymará. 2009.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a Construção do Conhecimento Científico: do planejamento aos textos, da escola a academia**. 4 ed. São Paulo: Rêspel, 2012.

SEVERINO, Antonio. Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. Ver. E atual. São Paulo, Cortez, 2007.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. **Classificação Popular da Literatura de Cordel**. Petrólis: Vozes, 1976.

TAVERES, Luiz. **O Mito e a Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

XAVIER, Antonio. Carlos. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos**. Editora Rêspel, São Paulo, 2010.